

APRESENTAÇÃO

O presente número de *Debates do NER* aborda uma questão ainda pouco explorada pelos observadores da cena eleitoral em Porto Alegre: os nexos entre religião e política, a partir dos dados referentes ao pleito eleitoral municipal do ano de 2000. O artigo de Ari Pedro Oro, base das intervenções posteriores, analisa como se processaram os encaixes entre o político e o religioso durante a campanha para o executivo municipal. O autor focaliza, ainda, o discurso e o desempenho de 17 candidatos religiosos à Câmara Municipal a fim de demonstrar uma hipótese de base: o êxito ou o fracasso eleitoral daqueles candidatos esteve diretamente relacionado com a estrutura organizacional das religiões com as quais eles estão identificados. A seguir, Oro analisa como, no segundo turno das eleições, o tema da “ética na política” aproximou a Igreja Universal do Reino de Deus do Partido dos Trabalhadores, dificilmente concebível em conjunturas anteriores.

Como já é de praxe, a revista contou com a participação de colaboradores convidados a comentar o texto inicial.

Carlos Alberto Steil propõe uma interpretação abrangente das recentes articulações entre a magia, o carisma e a política na modernidade. A presença de candidaturas religiosas deve ser entendida no interior das transformações de lugar, ênfases e funções sociais cumpridas pela religião no mundo contemporâneo. A guerra espiritual dos evangélicos (como sempre a Universal é o exemplo privilegiado) é a pista que abre o entendimento de suas atitudes eleitorais, assim como permite identificar algumas de suas estratégias e ambigüidades, se cotejada com a transposição de suas lógicas e dinâmicas rituais (exorcismo, afirmação de uma identidade crente) para o universo mundano. O desempenho dos candidatos religiosos evidencia, para Steil, os sinais de uma nova partilha entre religião e política, que não mais deve ser entendida numa chave estrutural mas sim performática, tendência onde localiza a ponte para a aproximação prévia daqueles domínios.

O texto de Pablo Semán detém-se no caso da Igreja Universal do Reino de Deus, analisando-a como um ator social que costura as múltiplas facetas do Brasil contemporâneo: ao mesmo tempo apóia-se nos mecanismos de sua face moderna e evidencia o rosto cosmológico que o compõe, redefinindo, assim, a totalidade social e ressemantizando a política. Neste movimento, a Universal, que já havia ressignificado o dinheiro, introduzindo-o na lógica da oferta e do sacrifício, agora procede de forma análoga com o voto: inscreve-o numa lógica cosmológica, na perspectiva da guerra santa.

Por fim, o cientista político André Marengo dos Santos, especialmente convidado para colaborar neste número de *Debates do NER*, reflete sobre o peso da mediação religiosa na estruturação da identidade do eleitor. Para este autor, o peso dos contatos informais, das redes sociais e de vínculos religiosos, são dimensões ainda não completamente descortinadas pelos intérpretes da cena política. Partindo de uma interpretação das especificidades do sistema partidário brasileiro, Marengo dos Santos compara os desempenhos dos candidatos religiosos no pleito municipal por região e por filiação religiosa, apontando para a capacidade de algumas denominações de fidelizarem com eficiência o voto de seus frequentadores. Em contrapartida também são assinalados alguns dos dilemas dessa fidelização, na medida em que o seu potencial eleitoral está muito identificado, como no caso da Igreja Universal, com os limites de sua denominação, evidenciando dificuldades de articulação com outros setores políticos e sociais.

Bernardo Lewgoy

Professor de Antropologia da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul